

## PARTICIPAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO DA I BIENAL DO LIVRO AMAZONAS PELAS CRIANÇAS VISITANTES

### Participation and importance of the space at the I Bienal Amazon book fair for child visitors

Eliene de Freitas Passos<sup>1</sup>

Evelyn Lauria Noronha<sup>2</sup>

Roberto Sanches Mubarak Sobrinho<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe a compreensão das ações das crianças na I Bienal do Livro Amazonas e seus diálogos com a ciência orientada pela valorização do modo como significam a realidade vivenciada por elas mesmas e não pelo olhar do adulto sobre ela. Esta proposta esta em consonância com as ideias da Sociologia da Infância de que a criança é um ator social pleno e de direitos que pode e sabe contar sua história. Para isto autores como Sarmento (2007;1997), Delgado e Müller (2005), Caraveo e Stoopen (2001), entre outros, foram referência. Como suporte teórico para o ensino de ciências Jacobucci (2008), Zancan(2000), e Roitman(2007) foram utilizados. Os resultados das observações e entrevistas semi-estruturadas realizadas com as crianças visitantes apontam que compreendem e valorizam os conteúdos científicos, mas que estes se apresentam compartimentados de modo disciplinar nos livros. Também foi possível conhecer o modo de participação das crianças como atores sociais, pelo jeito próprio de referenciar o real, negando o caráter da infância de incompletude, transitoriedade e dependência das ações interpretativas do adulto sobre ela.

**Palavras-chave:** Sociologia da Infância. Espaço Não-formal. Educação Científica.

**Abstract:** This paper proposes to understand children' actions at the *I Bienal Amazon Book Fair* and their dialogues with science oriented by the importance they give to their own reality and not that of any adult observing them. This objective is consistent with the ideas of Child Sociology that children are full-fledged and rightful social actors who are able and know how to tell their own stories. For this, authors such as Sarmento (2007, 1997), Delgado and Müller (2005), and Caraveo (2001), among others, were used as reference. As theoretical support for scientific education Jacobucci (2008), Zancan (2000), and Roitman (2007) were utilized. The results of the observations and semi-structured interviews conducted with the children indicate that the child visitors understood and appreciated the scientific content but they presented this content in compartmentalized subjects present in the books. It was also possible to learn how children participate as social actors, by their own way of referencing reality, which defies the incomplete and transient nature of childhood as well as any dependence on interpretive actions by adults.

**Keywords:** Child Sociology. Non-formal Educational Space. Scientific Education

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Mestrado Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e-mail: [elienefreitas@hotmail.com](mailto:elienefreitas@hotmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Estudos da Criança, Professora do Curso de Mestrado Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e-mail: [evelynlaurianoronha@hotmail.com](mailto:evelynlaurianoronha@hotmail.com)

<sup>3</sup>Doutor em Educação, Professor do Curso de Mestrado Educação e Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e-mail: [rmubarac@hotmail.com](mailto:rmubarac@hotmail.com)

## Introdução

Neste trabalho buscamos conhecer como as crianças que visitaram a I Bienal do Livro Amazonas interagiram com o espaço, colocando em evidência seus modos de participação e significação do conhecimento científico presente.

Consideramos o local como um espaço não-formal de educação em ciências pelas diversas atividades propostas não apenas para divulgação de livros mas também pela interação livre e espontânea com os conteúdos científicos proporcionada. Procuramos valorizar a voz das crianças e suas interações lúdicas a partir das propostas da Sociologia da Infância pelo entendimento e crença na alteridade das crianças como sujeitos de direitos, ativos e criadores de sentido. O local e as atividades realizadas pela organização do evento são descritas para que uma visão geral da dinâmica do espaço possa ser vislumbrada.

As interações e entrevistas foram pensadas e realizadas considerando criança como sujeito ativo do conhecimento, possibilitando que elas falassem por elas mesmas sobre suas vivências. A análise de dados oferece a oportunidade de ouvir as vozes das crianças sobre o modo como vivenciaram este espaço não formal de educação.

### 1. A I Bienal do Livro Amazonas

A *Bienal do Livro* é um evento cultural que além da divulgação e comercialização de livros promove ações que aproximam o público em geral do universo da leitura. Carrega a história particular das edições nos diferentes locais onde foi realizada. A primeira edição na região norte do País foi realizada na cidade de Manaus de 27 de abril a 06 de maio de 2012 e foi o contexto em que se desenvolveu esta pesquisa.

De acordo com o site oficial do evento<sup>4</sup>, recebeu 203.982 visitas e contou com 60 expositores e 89 lançamentos de livros. Além disso, foram realizadas 96 sessões culturais e literárias, reunindo personagens do cenário nacional nas atividades desenvolvidas para públicos diversificados, tais como: *Tacacá Literário*, *Livro Encenado*, *Floresta de Livros* e *Território Livro*.

O *Tacacá Literário* foi uma adaptação nominal com alusão à culinária local, do Café Literário presente em edições anteriores realizadas em outros locais. Reuniu ícones da literatura em um ambiente de conversa descontraída assistida pelo público presente, com destaque para o poeta Thiago de Mello e o escritor Márcio Souza, artistas locais. Vale ressaltar que não foi um local de escolha das crianças.

Uma pequena arena foi montada para abrigar o *Território Livro*. No local os participantes, escritores e personalidades, compartilhavam experiências e ideias com o público jovem, sobre temas como: Droga e Violência, Bullying, Sustentabilidade, Eleições e Ficha Limpa, Redes Sociais, Copa do Mundo, Homossexualidade e a Cultura Indígena. Neste local o público presente representava jovens e adolescentes; embora as crianças olhassem com curiosidade não demonstravam interesse.

<sup>4</sup>[www.bienaldolivroamazonas.com.br](http://www.bienaldolivroamazonas.com.br), acessado em 12/05/2012.

Com cinco sessões e a participação de atores de destaque nacional para a leitura de trechos de obras da literatura brasileira se desenvolveu *O Livro Encenado*. Estiveram presentes os atores Caio Blat e Leonardo Vieira, para a leitura de Aníbal Beça e Álvaro Maia e as atrizes Beth Goulart, Denise Del Vecchio e Mel Lisboa para ler Clarice Lispector, Machado de Assis e Milton Hatoum. A presença das crianças era praticamente inexistente, talvez pela fila e pelo local apresentar pouca liberdade para as brincadeiras infantis.

A *Floresta de Livros* foi especialmente desenvolvida para o público infantil, um palco com uma pequena arquibancada cercada de árvores que tinham as letras em formato de folhas. Neste local foram realizadas as encenações do grupo teatral amazonense Artcena, onde todos os dias quatro histórias eram apresentadas: A Casa do Coelho, Ananse e o Baú de Histórias, O Sapo e a Princesinha e Juca e a Serpente do Rio. As apresentações eram esperadas com ansiedade pelas crianças que ocupavam a arquibancada e os espaços fora dela, participando ativamente com comentários, risos e interação com os atores. Mesmo nos horários em que não eram realizadas as sessões, as crianças ocupavam o espaço com a leitura de seus livros recém-adquiridos.

Como expositores havia instituições de ensino e pesquisa, livrarias locais e nacionais, editoras e imprensa. Alguns estandes, como o da Eletrobrás, apostaram em ações interativas com os visitantes através de brincadeiras e teatro que abordavam temas sobre a preservação do peixe boi, dicas de segurança na rede elétrica e consumo consciente. Era comum as crianças pararem nestes locais.

Foi neste ambiente diversificado e animado que se constituiu em entretenimento para os visitantes que nos propusemos compreender de que modo as crianças significaram a vivência na feira e o ensino de ciências.



**Figura 1:** Foto panorâmica do salão da I Bienal do Livro do Amazonas.

**Fonte:** site oficial da I Bienal de Livro do Amazonas.

## 2. Sociologia da Infância: contribuições para o processo de análise das falas das crianças

A compreensão das ações das crianças na I Bienal do Livro Amazonas e seus diálogos com a ciência foi orientada pela valorização do modo como as crianças significam a realidade vivenciada por elas mesmas e não pelo olhar do adulto sobre ela. Esta proposta está em consonância com as ideias da Sociologia da Infância de que a criança é um ator social pleno e de direitos que pode e sabe contar sua história (SARMENTO, 2007).

Tornar audível o discurso das crianças, considerado suprimido pela construção sócio-histórica sobre a infância, implica, como propõe Sarmiento (2005), considerar o conceito de geração e alteridade. Não se trata de simples estratificação por idade ou análise da incompletude das crianças, mas uma compreensão de seus modos próprios de significarem e ressignificarem a realidade.

O autor considera as características diacrônicas e sincrônicas para conceber a infância, o que corresponde considerá-la como um processo em construção marcado por um determinado tempo histórico. Assim, a infância é historicamente construída e continuamente atualizada nas interações entre os sujeitos que a constituem como categoria geracional e entre os adultos, mas também é descrita por um momento histórico, como afirma o autor:

[...] um constructo sociológico que procura dar conta das interações dinâmicas entre, no plano sincrónico, a *geração-grupo de idade*, isto é, as relações estruturais e simbólicas dos actores sociais de uma classe etária definida e, no plano diacrónico, a *geração-grupo de um tempo histórico definido*, isto é o modo como são continuamente reinvestidas de estatutos e papeis sociais e desenvolvem práticas sociais diferenciadas os actores de uma determinada classe etária, em cada período histórico concreto. (SARMENTO, 2005, p. 367)

A alteridade, segundo Sarmiento,(2005b apud AGOSTINHO, 2010, p.27) “é o elemento de referencial do real que se centra numa análise concreta das crianças como atores sociais” o que implica aceitar as diferenças entre o adulto e a criança nos seus modos de produzir cultura e em suas relações concretas. Para Corsaro e Eder (1990 apud SARMENTO, 2005, p.373) as culturas infantis “são um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefactos, valores e ideias que as crianças produzem e partilham com seus pares”. Mubarac Sobrinho (2011) a caracteriza como um processo de ressignificação do cenário de suas vivências, onde são construídas “formas diferenciadas de linguagem, crenças, valores, que mantêm as características gerais da geração que a antecede, mas deixando marcas próprias diante dos conhecimentos de mundo já existentes” (MUBARAC SOBRINHO, 2011, p.52).

Aceitar a alteridade infantil é considerar a criança como ator social, pelo modo próprio de referenciar o real, negando seu caráter de incompletude, transitoriedade e dependência que conduziu as ações interpretativas do adulto sobre ela.

## 2.1 Participação Infantil

A compreensão da infância como categoria social do tipo geracional e a aceitação da alteridade das crianças como sujeitos ativos na construção de suas próprias culturas e ressignificadoras da produção do adulto nega o caráter de incompletude e invisibilidade que a sociedade moderna designou as crianças.

As ideias construtivistas da Psicologia apresentam a criança como um ser em desenvolvimento que constrói alicerces lógicos a partir de uma vivência adequada da realidade. Para a biologia, a incompletude está no corpo que está por se desenvolver. Para a Sociologia, um ser que necessita de um arranjo social para ser socializado. As marcas da incompletude, segundo Sarmiento (2009), acabaram por justificar ações de instituições sociais e da família para o tratamento e orientação pedagógica, confinando as crianças ao espaço privado dos lares ou escolas. Para o autor, a “privatização da infância não apenas opera um efeito de ocultamento e invisibilização da condição da criança” como “concita um tipo específico de olhar científico, durante muito tempo sociologicamente considerado como não problemático” (SARMENTO, 2009, p.19).

É com a mudança na compreensão da infância que se problematiza a questão da participação infantil e da cidadania. Uma vez que as “representações sociais da infância foram instituídas a partir da estruturação de dispositivos de socialização e controle para as crianças” (SARMENTO; PINTO, 1997, p.8), temos que considerar, como propõem Caraveo e Stoopen (2001), que em uma sociedade democrática os sistemas sociais são suscetíveis de mudanças pela ação dos indivíduos que a integram. Deste modo, para que a democracia se desenvolva, é necessária a inclusão de todos os atores sociais neste processo e isto inclui as crianças, reconhecendo-as como sujeitos sociais de direitos ao invés de reduzi-las a objetos de proteção.

A inclusão da participação das crianças nos processos democráticos estabelece para elas o papel de cidadãos. A favor desta afirmativa, Caraveo (2001) expõe alguns argumentos. O primeiro reconhece a amplitude do conceito de cidadania para além do poder de votar e ser votado. O segundo destaca as ideias de Baratta (1999 apud Caraveo, 2001) de que as crianças de qualquer idade têm, em virtude do local central que ocupam na sociedade, uma cidadania assegurada pela Convenção dos Direitos das Crianças<sup>5</sup>. O terceiro ponto destaca o direito a participação na vida social, expressando suas opiniões que devem ser levadas em conta nas tomadas de decisões que as afetam.

Etimologicamente a palavra *participação* significa tomar parte e é, segundo Caraveo e Stoopen (2001), uma das características da infância, pois as crianças utilizam os meios de que dispõem para tomar parte naquilo que é considerado importante ou que as afetam. Há nas crianças uma disposição ativa em influenciar os adultos para fazerem o que desejam ou para obterem os objetos que querem. Os adultos, por sua vez, organizam-se da maneira que podem para controlar esta investida participativa

---

<sup>5</sup>Adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989.

das crianças, ensinando a obediência às regras. E na participação cotidiana também se deve considerar a infância, por ser lugar onde se reflete e se constrói a ordem social. Neste sentido, para Caraveo e Stoopen (2001, p.39):

Participar también es todo lo que los niños hacen cotidianamente em su comunidade, dentro de su familia, em el trabajo, em la escuela. Por ejemplo yo me fui formando al participar em la escuela pero también lo hacía al apoyar em las labores de la casa. A lo mejor éstas no son las formas de participación em las que nosotros estamos pensando a partir de la Convención, sin embargo seu uma realidade que las niñas e niños participan em todos los aspectos de su entorno.

Para as autoras isto significa trocar experiências, fazer indagações, intervir, opinar e decidir sobre questões do grupo a que pertencem. Os conteúdos da participação são expressão das necessidades, preocupações, emoções e ideias, sendo a comunicação verbal apenas uma das múltiplas formas que as crianças têm de manifestação. É relevante incluir o silêncio, as birras e as ações, o que exige certa sensibilidade para entender seus sentidos. Daí a relevância dos espaços lúdicos como ambiente ideal para a expressão livre das crianças, pois podem minimizar os efeitos de pressões externas de controle sobre a atuação infantil.

A I Bienal do Livro Amazonas, como foi organizada e planejada, fez-se espaço lúdico tanto para adultos como para as crianças. O que pode ser observado nas ações das crianças que apontavam o que queriam, corriam, sorriam e liam, não em um esforço para satisfazer as ordens dos adultos, mas em uma ação de apropriação do espaço. Para este trabalho foram considerados os espaços destinados ao público infantil e as atividades desenvolvidas durante o evento também como caracterizadoras de educação e divulgação científica.

Os diálogos das crianças sobre a ciência foram privilegiados no entendimento de que a educação científica resulta no compartilhar significados no contexto das ciências (MOREIRA, 2004). E que, a inclusão das vozes das crianças, na intenção de ouvir delas sobre o modo como estas ações as afetam, seja um caminho que possibilite a participação e a aceitação de que a infância, como categoria social, produz cultura e não apenas reproduz o mundo que os adultos organizam para elas.

### 3. Educação Científica

O universo de circulação de saberes promovido pela educação é uma ação viva que reproduz e produz novos sentidos para as vivências sociais. Para Marques (2002) é uma interlocução de saberes, onde os sujeitos reconstróem vivências que se ressignificam nos espaços e tempos sociais, numa dialética de conservação e transformação. E para Libâneo (2005) os objetivos da educação variam ao longo da história como resultado dos desdobramentos concretos das relações sociais.

Como a educação constitui-se como direito de todo ser humano por ser condição para acesso ao conjunto de bens e serviços na sociedade democrática e estende-se ao longo da vida (GADOTTI, 2005) é imprescindível para a qualidade deste processo pensar a educação científica (ROITMAN, 2007), por permitir ações reflexivas pelo acesso a uma linguagem que esta sendo posta diante dos cidadãos. Para Roitman (2007) o conhecimento científico é o mais importante conjunto de bens produzido pela humanidade e, por ser pré-requisito para a democracia, investir em sua busca é investir na qualidade de vida. A educação científica é a oportunidade que as crianças têm para explorar e entender o mundo ao seu redor, nas dimensões humana, social e cultural.

Para Zancan (2000), a ciência é um mundo de ideias em movimento, um processo para a produção do conhecimento que “busca descobrir a unidade existente nas diferentes facetas da experiência do homem com seu meio. [...] é a principal realização do mundo atual e, talvez mais do que qualquer outra atividade, distingue este século dos demais” (ZANCAN, 2000, p.3).

Jacobucci (2008) parte do conceito de Péres Gomes da cultura como “um conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, sendo resultante da construção social sob certas condições materiais, sociais e espirituais que dominam determinado meio” (GÓMEZ, 2001 apud JACOBUCCI, 2008, p.63) para construir um debate que relaciona a educação científica em espaços não formal com a cultura científica, por aproximarem os conhecimentos científicos aos interesses dos cidadãos comuns.

No que tange as crianças e a I Bienal do Livro do Amazonas buscou-se compreender de que modo isto se aproxima das crianças no espaço da I Bienal do Livro do Amazonas.

#### 4. Percursos da pesquisa

A investigação com as crianças ao longo do século XX foi enviesada pelo conceito de infância que, qualificando-as como incompetentes psicologicamente pela imaturidade de raciocínio, tinham suas vozes negadas para que um adulto pudesse falar por elas. O olhar interpretativo sobre a criança na pesquisa a concebia como objetos ou sujeitos que tinham suas incompletudes preenchidas pela ação do adulto na crença de que estavam salvaguardando suas incompletudes (SOARES, 2006). Para Sarmento a invisibilidade científica “mais do que produzida por ausência de investigação sobre as crianças e a infância, é produzida pelo tipo dominante de produção de conhecimento” (SARMENTO, 2007, p.42).

No final do século XX as crianças são consideradas atores sociais e participantes nas pesquisas, afirmando Corsaro (1997 apud DELGADO & MÜLLER, 2005, p.162) que “as crianças estão merecendo estudos como crianças” o que conduziu a reivindicação de metodologias que privilegiassem pesquisas com crianças e não apenas sobre as crianças. O que para Sarmento e Pinto (1997) se constitui como uma prática investigativa que focaliza o estudo das realidades da infância a partir das crianças.

O conhecimento da realidade da I Bienal do Livro Amazonas a partir das crianças está ancorado nas propostas da Sociologia da Infância. Durante três dias a feira literária foi frequentada pelo pesquisador por aproximadamente quatro horas, onde a observação e o diálogo com as crianças se constituíram cenário e fonte de dados de investigação.

De acordo com Triviños (2006) observar é destacar do conjunto algo particular e esta orientação guiou os recortes da realidade para compreender os modos de participação das crianças e suas relações com os conteúdos científicos. A entrevista semi-estruturada foi utilizada por oferecer um norte ao pesquisador na coleta de dados ao mesmo tempo em que permitiu fazer emergir a situação do entrevistado, com a liberdade e a espontaneidade necessárias para o propósito do trabalho. (TRIVIÑOS, 2006). As questões que serviram de base foram:

- Qual a sua idade?
- O que você está achando da Bienal?
- As coisas que você aprende na escola podem ser encontradas aqui na Bienal?
- Você acha que tem ciência na Bienal? Onde?
- É possível aprender ciência em um lugar como a Bienal?

Não apenas as falas das crianças foram privilegiadas neste processo, também suas ações de interação constituíram o cenário que possibilitou a compreensão sobre suas participações e seus modos de significarem e ressignificarem o espaço da I Bienal do Livro do Amazonas e os conteúdos científicos veiculados. Para preservar suas identidades seus nomes foram substituídos por temas ou personagens dos livros que liam no momento ou que demonstraram interesse.

#### **4.1 Sobre a participação das crianças.**

Interagir com as crianças e observar seus modos próprios de participação no evento proporcionou uma nova compreensão sobre o espaço e sua apropriação pelas crianças. A expectativa adultocêntrica do pesquisador era de encontrar crianças entediadas, realizando atividades enfadonhas guiadas por seus acompanhantes adultos. Uma suposição que revelou ser infundada, pois no relato e nas suas atividades de interação foi possível reconhecer que recriavam e reinventavam esta realidade mudando a ordem das coisas. Confirmando o que Caraveo (2001) destaca de que não são meros reprodutores, não absorvem passivamente a socialização vertical, mas transformam a partir de interpretações e ações que lhes são próprias a realidade e as relações sociais.

Em uma das solicitações para fotografia foi sugerida uma pose e as crianças criaram sobre esta uma nova ordem e reinventaram a foto (Fig.2), não aceitando passivamente a sugestão, mas de modo criativo subvertendo a ordem proposta. Peço para tirar uma foto sem que o rosto deles apareça, só os livros. Aponto minha máquina para o colo deles e o Batman (9 anos), colocando o livro cobrindo o rosto diz: “não pode ser assim?”. Concordando, as colegas Escritora (7 anos) e Pintora (6 anos) imitam o gesto e eu tiro a foto que eles pedem para ver e autorizam a utilização.



Fig. 2: crianças posando para foto.

Fonte: Eliene de Freitas Passos

Em outro momento direcionaram o que deveria constar na pesquisa: “Sobre o que é a pesquisa?[...] Pode dizer que é muito legal, que a gente aprende” (LEITOR, 9 anos).

Como propõe Caraveo (2001) às crianças possuem disposição para explorar, perguntar e provocar aos que as rodeiam, participando também ao expressar sua necessidade, como ilustrado no registro de campo onde a mãe de um garoto de aproximadamente 3 anos de idade insistia para que o filho a acompanhasse na leitura de livros de seu interesse, mas a criança reluta e impõe sua presença e necessidade. A mãe segurava sua mão com força, forçando-o a acompanhá-la, impondo sua ordem. A criança puxou a mãe, apontou, arrastou-a mãe e sem falar conseguiu com que a mãe se abaixasse e compartilhasse com ela a descoberta dos livros. A mãe passou a folhear os livros com o filho que apontava qual queria ver (Registro de campo, 08/05/2012).

Não há como negar a participação das crianças e dar-lhes voz é também dar-lhes direitos, e esta foi a intenção ao torná-las parte deste estudo, resguardando o direito de recusa. Inicialmente havia o temor de que o olhar do adulto pesquisador conduzisse os resultados da pesquisa, mas logo foi dissipado na compreensão de que as crianças não se deixam “enganar”, elas sabem do que falam e o fazem com autonomia.

De acordo com Caraveo (2001) não é necessariamente pela fala que a participação pode ser evidenciada, mas também nas ações e interação com os objetos e ambiente, como na observação a seguir. Ao passar por uma banca de literatura de cordel. Um monte de livrinhos pendurados em uma cortina de plástico. Uma criança de mais ou menos 2 anos olha feliz os livrinho, sorri, mexe na cortina, rodeia a cortina e continua sorrindo olhando para o cordel, brincando. (Registro de Campo, 05/05/2012). Ou seja, brincando e recriando o espaço proposto pelo adulto, ressignificando a realidade.

É relevante que em meio a diversidade de atrações desenvolvidas no local eram os livros que as crianças privilegiaram para descrever a bienal como “*legal*”, como se observa nas falas das crianças: “Estou gostando muito porque gosto muito de ler e aqui tem uma variedade enorme de livros” (ADESTRADORA, 11 anos); “Aqui tem muitas coisas legais, muitos livros. Eu estou aprendendo a ler na escola e ganhei essa revista que é muito boa... Ensina a ler. [...] Os livros ajudam a gente a entender o planeta, a lua (LEITOR, 9 anos).

Onde havia livros, havia crianças, independente de o estande conter ou não livros infantis, embora nestes locais o número de crianças fosse maior. Organizavam-se para aquisição dos objetos da feira, numa relação de consumo que não pode ser negligenciada. Como no caso de uma menina de 11 anos ao falar sobre o preço dos livros, “minha avó me deu 10 reais pra usar aqui e não dá, porque os livros são muito caros e isso é chato, né?” (ADESTRADORA, 11 anos); e um menino que se organizou financeiramente para a feira, conforme indica seu irmão: “Ele juntou o dinheiro dele só pra comprar esse livro que esta lendo” (BIÓLOGO, 14 anos).

A participação das crianças não é algo criado, mas um fato. Valorizar a voz das crianças em suas mais diversas formas de expressão é resgata-las como sujeitos de direitos. Neste sentido Caraveo e Stoopen (2001) afirmam que a participação conduz ao desenvolvimento da consciência sobre si mesmo, de seus direitos e do sentimento de pertencimento a um grupo.

#### 4.2 Sobre a relação entre os conteúdos escolares e a Bienal

As respostas sobre a relação dos conteúdos escolares presentes na I Bienal do Livro do Amazonas eram direcionadas para a presença ou não dos livros escolares na feira. Caso encontrassem algum livro da escola no local então afirmavam que o que aprendiam na escola também podia ser visto na feira, de modo que o ensino proposto na escola parece ser representado dividindo os conteúdos escolares dos outros. Algumas falas são representativas disto: “tem pouca coisa... Tem livro de matemática, geometria” (POPULAR, 10 anos); “na escola não tem livro do Batman (BATMAN, 7 anos), “aqui tem inglês e na escola também (INGLÊS, 8 anos); “na escola não tem livro de adestramento de cães, por exemplo (ADESTRADORA, 11 anos).

Em um ambiente onde a atração principal é o livro não há como desconsiderar que ele próprio seja objeto de referência para as verbalizações. De modo que também não há como negar que os conteúdos escolares são ainda disciplinarmente vivenciados de tal modo que são identificados através de livros que apontam isto. O que também pode ser observado quando questionamos sobre a ciência e a Bienal.

#### 4.3 Sobre os conteúdos científicos

Embora os conteúdos científicos estivessem presentes em todo espaço da feira, não apenas nos livros, mas também nas apresentações teatrais, nas tecnologias presentes e nas instruções que alguns estandes apresentavam, as crianças entrevistadas apenas os identificavam nos livros. Como um garoto de 9 anos que

afirma que “a ciência ajuda a gente a aprender sobre o planeta, a lua, as estrelas... Sobre o mundo todo. E tem ciência nos livros (LEITOR, 9 anos).

A ciência para as crianças estava presente nos livros de corpo humano, de biologia e de saúde. Relacionam as ciências de modo geral à biologia e aos conteúdos dos livros. Não relacionavam os livros que estavam lendo com o conteúdo científico, numa visão que pareceu um modo disciplinar e compartimentado de representar e significar a ciência.

Na tentativa de compreender o potencial do local para o ensino de ciências as crianças foram questionadas sobre a possibilidade de aprender sobre ciências na feira. Descrevem a aprendizagem como uma ação que requer a leitura dos livros que consideram de conteúdos científicos. Pelas suas vozes: “dá para aprender nos livros de animais, de biologia” (BIÓLOGO, 14 anos); “lendo a gente aprende sobre a ciência (HISTORIADORA, 8 anos).

A aprendizagem dos conteúdos científicos é apontada pelas falas das crianças como sendo uma ação individual de leitura para aprendizagem. O que compartilham é a ideia de que a ciência esta presente nos livros e aprender sobre ela requer uma atitude de busca pelo conhecimento. A proposta no ensino de ciência de aproximá-la dos cidadãos comuns parece ainda esbarrar na barreira disciplinar que a educação impõe.

### Considerações finais

A intenção neste estudo foi de apresentar e refletir sobre a participação das crianças na I Bienal do Livro do Amazonas e o diálogo com a ciência neste espaço não formal. Para isto suas falas foram valorizadas para compreender como se dá a participação e como relacionam os conteúdos escolares e científicos com a visita.

Sobre a participação é inegável que ela acontece e que suas ações subvertem a ordem imposta pelos adultos para recriar o espaço da feira de modo que seja adequado a elas. Isto foi possível observar e registrar em suas falas. Ao privilegiarmos as vozes das crianças na pesquisa intentamos destacar que elas podem e sabem contar suas histórias, que como atuantes são sujeitos de direitos que devem ser ouvidas.

A relação entre os conteúdos científicos e escolares com as ações na Bienal apontam que compreendem o que é ciência e que valorizam este conhecimento, mas é compartimentado, disciplinar restrito aos livros escolares. Ao ler um livro do *Batman*, em que a história é repleta de tecnologias que o super herói utiliza, não parecem fazer relação deste conteúdo com ciência, por exemplo.

Conhecer e respeitar as vozes das crianças pode e deve ser um caminho para repensar as práticas dos adultos para as crianças em todos os âmbitos, incluindo o da educação científica, pois elas nos mostram seus pontos de vista e necessidade. A participação infantil é um fato que deve ser respeitado para que, reconhecendo-as como cidadãs de direito, seja possível integrar ações que permitam exercício de criticidade e reflexão contextualizada e não mera reprodução dos anseios dos adultos sobre a criança.

## Referências

AGOSTINHO, K.A. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil**. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, 2010. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11195/1/Tese.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2012.

CARAVEO, Y.C.; STOOPEN, M.M. **Diálogo de saberes sobre a participação infantil**. Mexico: UAM, 2001.

CARAVEO, Y.C. La participación de la infancia y la adolescência em las políticas públicas. In: STOOPEN, Maria Morfín; CARAVEO, Yolanda Corona. **Participación infantil y juvenil**. México, 2001.

DELGADO, A.C.C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v.35, n.125, p 66-179, maio/ago. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-1574200500020009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-1574200500020009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso: maio de 2012.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não formal. **Institut International des Droits de l'Enfant – IDE**. Sion, Suíça, 2005. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/MoacirGadotti/artigos/Portugues/EducaçãoPopulareEJA/Educaçãoformalnãoformal.2005.pdf>>. Acesso em: 13 jan de 2012.

JACOBUCCI, D.F.C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**. Uberlândia, v.7, 2008.

LIBÂNIO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** São Paulo:Cortez, 2005.

MARQUES, M.O. **Educação nas Ciências: interlocução e complementaridade**. Ijuí: Unijuí, 2002.

MOREIRA, M.A. Pesquisa Básica em Educação em ciências: uma visão pessoal. In: **Revista Chilena de Educacion Científica**, v.3, n.1, 2004. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/Pesquisa.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

MUBARAC S.R.S. **Vozes infantis indígenas: as culturas escolares como elementos de (des)encontros com as culturas das crianças Sateré-Mawé**. Manaus:Valer, FAPEAM, 2011.

ROITMAN, I. **Educação científica: quando mais cedo melhor**. Brasília: RITLA, 2007. Disponível em: <[http://www.ritla.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2151&Itemid=236](http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=2151&Itemid=236)>. Acesso em: 19 maio 2012.

**Revista Funadesp**, Vol.04, 2011. Disponível em: <<http://www.anpg.org.br/userfiles/file/Artigo%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Cient%C3%ADfica%20%20Revista%20Funadesp.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2012.

SARMENTO, M.J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ.Soc.**, Campinas, vol.26, n.91, 2005.

\_\_\_\_\_. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da Infância**. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Visibilidade social e estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira e Marins, 2007.

SARMENTO, M.J.; PINTO, M. As crianças e a infância: Definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (Coords.). **As crianças: Contextos e identidades**. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

SOARES, N.F. A investigação participativa no grupo social da infância. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1/articles/soaresen.htm>>. Acesso em: 05 maio 2012.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

ZANCAN, G.T. Educação científica: uma prioridade nacional. São Paulo Perspec., São Paulo, vol.14, n.3. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-8392000000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8392000000300002)>. Acesso em: 12 maio 2012.